

O movimento como dispositivo de poder

Resumo

O movimento, desde o século XII, vem sendo utilizado como um dispositivo de poder. O controle do gesto, espaço e tempo geram a normatização do corpo-individual e avança para o corpo-social. As instituições de ensino reproduzem essa ação coibindo o movimento de discentes e docentes. É necessário considerar que crianças e adolescentes se comunicam principalmente por meio do movimento. Este artigo propõe discutir os apontamentos em torno desse assunto para entender melhor a relevância da pesquisa em movimento.

Palavras-Chave: Movimento; Dispositivo de poder; Biopolítica; Dança; Educação.

Edna Christine Silva

Artista, pesquisadora em Dança e Movimento. Mestre em Comunicação e Semiótica – PUCSP, sob a orientação da Profª Drª Christine Greiner. Idealizadora e fundadora da Ekilíbrio Cia de Dança. Professora de Dança da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora atuando na assistência técnica aos projetos de arte, desenvolvidos nas escolas – curriculares e extracurriculares - SAM/DEAP/SE/PJF. Docente do curso de formação continuada “A Dança na Escola”. E-mail: christinesilmor@hotmail.com

The movement like apparatus of power

Abstract

The movement since the twelfth century has been used as an apparatus of power. The control of the gesture, space and time generates the standardization of the individual body and advances to the social body. Education institutions reproduce this action by restraining the movement of students and teachers. It is needed to consider that children and adolescents communicate mainly through movement. This article aims to discuss the points concerning this subject to better understand the relevance of the research in movement.

KEYWORDS: Movement; Apparatus of power; Biopolitics; Dance; Education.

O movimento na análise de Rudolf Laban e Michel Foucault

O movimento, considerado desde sempre – pelo menos em nossa civilização – como um auxiliar do homem, utilizado para alcançar um propósito prático e extrínseco, mostrou-se como um poder independente que cria estados mentais frequentemente mais poderosos que a vontade humana (LABAN, 1990, p.13)

O artista/pesquisador Rudolf Laban (1879 –1958) revela em seus estudos que a arte do movimento pode potencializar a vida e ser um disparador para que pessoas possam exercer sua autonomia e singularidades. Esse autor viveu no século XX, pesquisou o movimento humano e suas implicações. Entretanto, percebeu que o movimento havia sido codificado e utilizado como uma técnica de enclausurar o corpo. Michel Foucault (1926 – 1984), filósofo/historiador, em suas pesquisas também teve percepção análoga. Foucault (1987) expôs como o movimento foi empregado para neutralizar a potência do ser humano. Era a arte do corpo humano que agia sobre a vida construindo seres potentes, porém, obedientes e submissos.

Foucault (1987) analisou a sociedade que chamou de disciplinar e apontou que a disciplina tinha como objeto a coerção detalhada das ações e gestos, agindo principalmente na delimitação do espaço e na regulação do tempo. Dessa maneira, disseminava a energia e anulava a potência das pessoas criando uma relação de sujeição estrita. Estabelecia assim, a ligação entre uma aptidão corporal aumentada e uma dominação acentuada. Com o passar do tempo, o poder se especializou ainda mais e as técnicas disciplinares instauraram uma sociedade de vigilância cobrindo todo o corpo social.

Foucault (1987) aponta para uma nova tecnologia do poder que ele chama de biopolítica da espécie humana. A biopolítica não exclui a técnica disciplinar e sim a embute, a modifica parcialmente, se utiliza dela e se articula com ela. Ao articular a técnica disciplinar com a regulamentadora, a biopolítica institui a norma como elemento que circula entre uma e outra técnica. Essa nova tecnologia é massificante, rege a massa global, cuida não do homem-corpo, mas do homem-espécie. A biopolítica um aprimoramento do poder sobre o corpo, normatiza, regula a vida humana em sociedade. A normatização tanto pode ser aplicada a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar.

Foucault (1979) explica que essa normatização se expandiu principalmente para o controle do espaço. O espaço ampliou-se delimitando o território do corpo-social. Dessa maneira, o poder passou a definir o lugar em que a população pode ocupar ou permanecer, sem necessitar de uma vigilância local. O autor relata que foi por meio do estudo do espaço que conseguiu descobrir o que no fundo procurava que foram as relações existentes entre poder e saber. Ele explica que o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos se dá na análise do saber, em termos de região, de domínio, de deslocamento, de transferência. Através das metáforas espaciais é possível decifrar a análise dos discursos percebendo precisamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder.

Sendo assim, de maneira precisa, no final do século XIX, a organização espacial passou a ser utilizada para alcançar objetivos econômico-políticos. A história dos espaços está diretamente ligada com a história dos poderes, podendo ser averiguada tanto nas estratégias da geopolítica, quanto nas pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional ou da sala de aula. Essa situação pode ser exemplificada com a disposição em sala de aula que prescreve o posicionamento de cada estudante como disserta Foucault (1987, p. 126)

Haverá em todas as salas de aulas lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixo. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos da parede e em seguida os outros segundo a ordem das lições avançando para o meio da sala [...] Cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem a ordem e o consentimento do inspetor das escolas [...].

Essas características ainda são possíveis de serem visualizadas em algumas instituições escolares que insistem em manter essa organização disciplinar. Em suas publicações o autor cita vários exemplos da distribuição dos espaços impostos pelo poder. Para ele, a fixação espacial é uma maneira econômico-política que precisa ser detalhadamente estudada. Esse é um mecanismo de controle significativo que desde o século XVII se constituiu primeiro no exército, depois nos hospitais, fábricas e também nas escolas com seus mestres, seus professores, seus vigias, dentre outros.

O movimento como elemento político

Foucault (2009) constatou, em suas pesquisas, uma negligência em relação ao estudo do espaço há várias gerações e assinala como um dos principais motivos é que a filosofia se ocupou principalmente do tempo, no momento em que a tecnologia política e a prática científica se apropriavam do espaço. Desde então, a medicina tornou-se a especialista do espaço e juntamente com os militares foram os primeiros gestores do espaço coletivo. O corpo-humano e o corpo-social adentravam no mecanismo de controle do poder espacial. Para Foucault (2011) o poder médico, desde então, se faz presente socialmente e basta que dêem uma ordem para cristalizar o sistema. Ao visualizar o caminhar social no final do século XX, afirmou que:

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e entrecruza a sua trama. Talvez se pudesse dizer que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes escarniçados do espaço. (FOUCAULT, 2009, p. 411)

Essas afirmações feitas pelo autor no final do século XX, continuam presentes se transformando e se ampliando. O poder tornou-se transespacial, sem limites e sem resistência, e o tempo tornou-se tão veloz que consegue driblar a maioria das pessoas. O que se identifica é que o espaço e o tempo a cada dia estão mais interpostos. E, com isso, a percepção do tempo e do espaço está em constante transformação. Com o advento do mundo virtual, comunidades e organizações se integram e se vinculam em novas combinações de espaço-tempo, fazendo o mundo, em realidade e em experiência, mais próximos. Esse cooptação que encurta as distâncias e acelera a velocidade gera características novas de tempo e de espaço. Essa situação pode ser exemplificada com os acontecimentos ocorridos do outro lado do mundo e que podem ser noticiados em qualquer lugar em tempo real, como se o acontecimento estivesse presente naquele lugar onde está sendo noticiado.

O tempo na sociedade disciplinar era cronometrado controlando as atividades das pessoas, cada uma com seu horário estipulado. Todos os horários eram demarcados com precisão, havia horário para todas as coi-

sas. Com o encurtamento das distâncias, o tempo passou a ser contínuo preenchido por tarefas incessantes, que nunca terminam. Nessa nova configuração social as atividades tornaram-se consecutivas, promovendo uma sensação de que é necessário estar sempre ocupado, sempre a fazer algo. A justificativa é que o tempo não pode ser perdido ele tem que ser aproveitado ao máximo, e o controle tornou-se permanente, se distende em cadeias. Dessa maneira, as pessoas acumulam tarefas que nunca conseguem terminar, estão sempre correndo para fazer algo, obedecendo a um tempo coletivo e desprezando o tempo individual.

De uma maneira em geral, o poder iniciou os sistemas de controle em primeiro lugar disciplinando o movimento humano, em seus gestos, espaço e tempo e, em seguida regulamentando-o. A biopolítica se incumbiu da vida em geral, é um poder que se incumbiu tanto do corpo como da vida. Pessoas iguais em movimentos, comportamentos, pensamentos, respostas e vidas. Toda uma população se comportando e desejando o mesmo. Uma concepção normativa do corpo instrumento.

Adverso a essa maneira de pensar Laban (1978) identificou a experiência do (não) movimento para os viventes da sociedade industrial, como marca da impotência do indivíduo moderno em se mover autonomamente e em se comunicar. Esse autor percebeu que, em uma época em que se discutia os ideais eugênicos, higiênicos e os valores éticos, crianças e adolescentes nas instituições de ensino, adultos pertencentes a denominada classe intelectual e trabalhadores de linhas de montagem limitavam-se a reproduzir movimentos mecanicistas que impediam o indivíduo de ser um “possuidor de sua experiência”. (LAUNAY, 2006, p. 76) O corpo humano, anestesiado e empobrecido de movimentos adentrava uma maquinaria de poder que o esquadrihava, o desarticulava e o refazia. A falta de compreensão do conhecimento da importância em se mover prejudicou o ser humano na visão de si próprio.

É possível afirmar que Laban (1966, 1978, 1984, 1990) identificou os mecanismos de controle utilizados pela sociedade da época e buscou desenvolver uma proposta que explorasse e desenvolvesse toda a energia e potência do ser humano libertando-o do assujeitamento e dominação imposto pelo poder. Launay (2006) explica que Laban se horroriza com o espetáculo da multidão agitada e mecanizada, que se esgota no mundo das mercadorias construindo seu próprio labirinto “do qual ela nem sequer mais rir sabe.” (LABAN apud LAUNAY, 2006, p. 77)

Laban (1978) compreendeu a importância da educação do corpo por meio do movimento, porém, percebeu também que essa educação vinha

sendo realizada por aqueles que visualizavam o mundo como um lugar em desarmonia e que essas desarmonias precisavam ser erradicadas. A educação do corpo estava sendo medicalizada, dessa maneira, o corpo deveria ser exercitado como prática de saúde, higiene e beleza. O autor não era totalmente avesso a exercícios codificados, no entanto, dizia que qualquer movimento sem uma filosofia era árido, o movimento antes de tudo precisa de um objetivo. O movimento pronto poderia ser o início de uma experiência.

Assim como Michel Foucault (2011), Rudolf Laban (1978) e Preston-Dunlop (2008) identificaram que as instituições educacionais se especializavam em educar o corpo para se manter e obter determinados tipos de comportamentos. As escolas se ocupavam em aprimorar técnicas de comportamento e adestramento corporal. “[...] a escola se tornou uma educação física”. (FOUCAULT, 2011, p. 238)

Ao observar as atitudes corporais na experiência do movimento, Laban (1978) identificou os fatores que o constituem como ESPAÇO, TEMPO, PESO E FLUÊNCIA. A esses elementos Laban (1978) denominou de alfabeto da linguagem do movimento Nos dizeres de Rengel (2006, p. 123):

[...] Todos os seres humanos têm uma forma de lidar com o ‘espaço’, um ritmo ao falar ou se mexer ‘tempo’, uma intensidade na movimentação ao tocar em coisas ou nas pessoas ‘peso’, e um modo de controlar ou deixar seguir o movimento ‘fluência’.

Laban (1978) criou a Teoria do Esforço definiu e conceituou os quatro fatores do movimento. O Fator ESPAÇO pode ser direto ou flexível; o Fator TEMPO pode ser súbito ou sustentado; o Fator PESO pode ser leve ou forte; o Fator FLUÊNCIA pode ser livre ou controlado. Em cada ação pode ser identificada uma acentuação, ou seja, são intensificações em um desses elementos. Não há como permanecer em apenas uma das qualidades dos fatores, o que existem são gradações diferenciadas entre elas. Sendo assim, alguém pode se relacionar melhor com o fator espaço flexível, no entanto, todos os outros fatores estão presentes, porém em uma gradação menor. O significado da ação se produz a partir da combinação dos fatores e suas qualidades. Para Laban (1978) é com base nos fatores do movimento que a pessoa adota uma atitude definida, produzindo assim o significado da sua expressão pessoal. O conhecimento das qualidades de esforço – ESPAÇO, TEMPO, PESO E FLUÊNCIA –, por meio da experiência em movimento pode revelar a singularidade de cada um. Nas

explicações de Laban (1978), as experiências em movimento é que estabelecem o entendimento dos fatores.

Na Corêutica, teoria também concebida por Laban (1966) a pesquisa e a compreensão do movimento têm ênfase no conhecimento espacial. O autor definiu Corêutica como a arte ou a ciência que trata da análise e síntese do movimento. Para Dell (1970), ao conceituar Corêutica, Laban tentou apontar as afinidades de certas qualidades de esforço com dimensões específicas do espaço.

Laban (1966) explica que o movimento é sempre apresentado no espaço e o movimento sempre ocupa o espaço. Este autor esclarece que “espaço vazio não existe. Pelo contrário, o espaço é uma superabundância de movimentos simultâneos”. (LABAN, 1966, p. 3, tradução nossa)¹ O autor esclarece que o espaço vazio é uma ilusão decorrente da percepção instantânea, ou seja, “a mente percebe mais do que um detalhe isolado, é uma paralisação momentânea de todo o universo. Tal visão momentânea é sempre uma concentração em uma fase infinitesimal do grande fluxo universal”. (LABAN, 1966, p. 3, tradução nossa)²

Laban (1978, p. 4, tradução nossa)³ afirma que “o espaço é uma característica oculta do movimento e o movimento é um aspecto visível do espaço”. A concepção de espaço como uma localidade ou lugar, no qual as mudanças ocorrem, é pertinente, no entanto, esse não é o aspecto fundamental do espaço. No espaço existe um intercâmbio contínuo de movimentos, que nem por um instante paralisam completamente. Eles podem estar extremamente lentos, fracos ou dispersos, e parecer em repouso ou imóveis. No entanto o movimento existe, pois, a matéria em si é um composto de vibrações. Laban elucida que no passado concebeu-se a existência de uma concepção estática. Esse entendimento levou à “compreensão de objetos como entidades separadas, estando estabilizado em poses, lado a lado, ocupando um espaço vazio”. (LABAN, 1966, p. 4, tradução nossa)⁴

Esses dizeres de Laban (1966) remetem para o exercício do poder disciplinador que construía quadros por meio de um jogo de repartição espacial, como apontou Foucault (1987). As diversas instituições e as instituições escolares distribuíam os discentes no espaço em filas, fileiras e em lugares marcados hierarquicamente. Dessa maneira, é possível afirmar que o que acontecia e permanece na atualidade é que a pessoa internaliza o conceito de espaço e se molda de acordo com esse espaço e com o que o ocupa, como por exemplo: objetos, pessoas, movimentos, dentre outros. “Todo o movimento tende para o espaço, tanto o espaço que nos rodeia como o espaço dentro de nós”. (LABAN, 1984, p. 54, tradução nossa)⁵

1 “Empty space does not exist. On the contrary, space is a superabundance of simultaneous movements”.

2 “What the mind perceives is, however, more than an isolate detail; it is a momentary standstill of the whole universe. Such a momentary view is always a concentration on an infinitesimal phase of the great and universal flux”.

3 “Space is a hidden feature of movement and movement is a visible aspect of space”.

4 “[...] understanding objects as separate entities, standing in stabilized poses side by side in an empty space”.

5 “All movement tends into space, both the space around us and the space within us”.

Laban (1984) afirma ainda que crianças e adolescentes percebem o mundo por meio de uma perspectiva corporal, ou seja, através da experiência em movimento. No entanto, explica que são capazes de ocupar todo o espaço em torno deles com seus movimentos e posições. Mas, também podem ficar restrito a linhas retas no espaço, negligenciando as muitas extensões de espaço e usando apenas um a cada momento. O autor aponta esse fato como uma negligência e falha em relação à base de toda atividade humana, ou seja, o movimento. Para o autor a experiência em movimento por meio do espaço é emancipatória e transgressora. Ele considerou que o ser humano, ao abdicar do conhecer e experienciar o movimento, “deixou de ser um criador de suas ações, tornando-se apenas um jardineiro”. (LABAN, 1984, p. 9, tradução nossa)⁶

Ao traçar um paralelo entre o estudo do movimento de Rudolf Laban com as pesquisas das relações de poder de Michel Foucault é possível perceber como e por que a biopolítica atua moldando o movimento humano. Para Laban (1978, 1984) o espaço e o tempo são elementos do movimento e o espaço é composto por movimentos visíveis e invisíveis. Para o poder, o espaço e o tempo fazem parte dos operadores de controle, sendo assim, toda uma organização e reorganização dos espaços e a aceleração do tempo impostos pelo poder é também articulado pelo movimento humano. A biopolítica controla o gesto/comportamento, o espaço e o tempo e se apodera das pessoas em seus atos e pensamentos.

Enfim, o poder soberano, da sociedade disciplinar já havia descoberto que codificar o movimento humano, limitar o espaço e cronometrar o tempo, era um meio eficaz de anular o potencial do ser humano, diminuir sua autonomia, criatividade, autoconfiança, comunicação, minar a sua elaboração e produção de pensamento. A biopolítica expandiu essas ações, sendo assim, anula a autonomia enquanto potência de ser e de agir individualmente e coletivamente, deixando o ser humano exposto mais facilmente, aos mecanismos de controle social.

Além disso, o espaço e o tempo apontados por Laban (1966, 1978, 1984, 1990) como elementos do movimento humano, na sociedade atual, visivelmente se fundem e aparentam uma só coisa. Dessa maneira, a pouca experiência em movimento, provavelmente, poderá entrar em conflito devido a esse excesso de informação que não tem limites. Laban (1990) sinalizava, no início do século XX, que cada vez mais o ser humano se desapropriava da experiência da complexidade em movimentos, se especializando em movimentos simplórios. Dizia que até as crianças não

6 “[...] of which we are not the creators but only the gardeners”.

aprendiam mais a apreciar e experienciar o movimento, apenas o identificavam como uma atividade prazerosa.

O autor desenvolveu suas pesquisas enfatizando a importância em experienciar e pesquisar o movimento. A experiência tem um significado expressivo para Laban, assim como, para Foucault, Greiner e Katz (2005) que a consideram como parte do processo de formação do ser humano. Para Foucault a experiência é assinalada como forma histórica das práticas de constituição do sujeito, ou seja, são práticas que permitem ao sujeito se transformar a partir de suas próprias práticas e das práticas externas sobre ele. Essas práticas externas podem ser produzidas por pessoas, objetos ou natureza. Para Katz (2005) a experiência estrutura o processo pelo qual as informações que nos constituem formam a forma do nosso corpo e nesse caso se refere a um estado cognitivo durável que tenha resultado da percepção. Para a autora, é dessa maneira que o ser humano inicia sua história pessoal. Greiner e Katz (2005, p.132) fazem a relação da experiência com o ato de dançar e afirmam:

As experiências são fruto de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, fluxo emocional, etc.), de nossas interações com os ambientes através das ações de se mover, manipular objetos, comer, e de nossas interações com outras pessoas (em termos sociais, políticos, psicológicos, econômicos e religiosos) e fora dela. Nessa perspectiva o ato de dançar, em termos gerais, é o de estabelecer relações testadas pelo corpo em uma situação, em termos de outra, produzindo, neste sentido, novas possibilidades de movimento e conceituação.

A congruência de pensamento entre esses autores faz ver a importância da aceitação da experiência. Em termos de movimento, é possível afirmar que a experiência significa improvisar, interagir, vivenciar e pesquisar os processos de movimento, funcionamento e atitudes do corpo em si. Rengel (2003, p.16) elucida que Laban ao iniciar suas pesquisas sobre a experiência afirmava que “Quando se emprega o termo experienciar, significa experienciar com todos os aspectos do agente: *‘corpo, mente e espírito’*”.

Thorton (1971) explica que para Laban o movimento não significa simplesmente um movimento de membros ou corpo, de alguma maneira casual, divorciado da participação intelectual. Para o autor movimento é a manifestação visível, verdadeiro estado intelectual, emocional e físico, é a base de toda atividade humana. O movimento é a ligação entre as inten-

ções e sua realização através da ação. O movimento é a experiência fundamental da existência. (LABAN, 1966) Laban afirmava que o ser humano estava negligenciando ou ignorando sua necessidade de movimentar, pensando que assim, estaria privilegiando suas atividades intelectuais.

Para Laban (1966) a restrição em experienciar o movimento reduz as possibilidades físicas, emocionais e intelectuais do ser humano. E, para Foucault (1987) produz a docilização. Nas palavras de Greiner (2010) a criação dos corpos dóceis na sociedade disciplinar, identificados por Foucault, está se transformando na construção de corpos inertes. Ou seja, não são corpos simplesmente imóveis, o que se aponta aqui é que essa inércia inibe a criação de ideias próprias, bloqueando a reflexão sobre o que gera o mover. Estes são os cidadãos que executam tudo que mandam, deixando-se controlar em todas as instâncias – dos gestos cotidianos a saúde, divertimentos e alimentação.

É possível afirmar que o movimento humano, em sua forma, espaço e tempo, na tecnologia disciplinar e na biopolítica, tornou-se um dispositivo, agindo sobre as pessoas em sua singularidade. Os dispositivos podem ser assinalados como o principal agente que exerce poder de modificação no comportamento das pessoas e são resultantes dos cruzamentos das relações de poder e de saber. O ser humano tomado por técnicas de dominação teve como principal dispositivo o seu movimento.

Na sociedade atual, o movimento permanece com essa mesma característica, no entanto, de maneira ampliada, atua tanto sobre corpo-individual, como se difunde para o corpo-social. Não é somente uma instituição que disciplina o movimento, na sociedade contemporânea, o poder disciplinar está em todos os lugares e em todas as pessoas. Dessa maneira, o movimento humano é um dispositivo em rede que exerce o controle em todos os locais e por todas as pessoas. Além do mais, é um dispositivo que faz com que a censura e a coerção seja exercida pelo próprio ser. Cada um coíbe o seu próprio movimento, gesto, atitude, conduta, comportamento, hábitos, discursos.

Dessa maneira, o ser humano possui um olhar coercivo e minucioso para o seu próprio movimentar. O olho que vigiava no panóptico agora se estendeu e está em vários lugares. Não tem mais apenas um local de onde se é vigiado, em todos os locais existe um olho vigilante, podendo ser o olho humano ou o olho virtual. Além do mais, o próprio olho tornou-se um vigilante de si e dos outros. O movimento humano tornou-se um dispositivo de poder que atua em micro e macro, atua no corpo-humano e no corpo-social. Foucault (1979, p. 246) definiu dispo-

sitivo como “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentados por eles”.

Agamben (2009, p. 40) expande a definição de Foucault e diz que dispositivo é definido como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. O autor afirma que na atualidade não há nem um momento na vida que a pessoa não seja modelada, contaminada ou controlada por um dispositivo e que seria totalmente ingênuo pensar em destruí-los ou usá-los corretamente. A todo dispositivo corresponde um determinado processo de subjetivação ou dessubjetivação que parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dá lugar a recomposição de um novo sujeito.

O que se percebe é que desde a época da sociedade disciplinar os seres humanos estão sendo adestrados para se adequarem a um formato de gesto/pensamento que atenda as exigências do poder. Sendo assim, comumente crianças e adolescentes são submetidos a ações disciplinadoras, coercitivas, modeladoras nos seus processos comunicativos, nos diversos espaços em que convivem – ambiente familiar, escola, as mídias, dentre outros. Essa é uma tentativa de normalização mental desses seres em crescimento. Esse operador de controle tem uma longa história, como aponta Foucault (1987), com o objetivo de obter um pensamento único.

Os espaços escolares se estabeleceram como locais não apropriados para o movimento, ou seja, o movimento experienciado, interagido, vivenciado, improvisado, criativo. Estabeleceu-se um determinado tipo de gesto/comportamento permissível, o que ultrapassava a esse limite passou a ter um tempo organizado, específico para esse fim. Dessa maneira, até nos dias atuais, estipula-se e cronometra-se o tempo para que o movimento possa ser executado. Esse tempo determinado é o momento considerado consentido para que crianças e adolescentes possam liberar suas energias. Aulas de educação física, jogos, ginásticas, danças, dentre outras são inseridas para esse fim. Nos outros momentos, a quietude e a inércia são cultivadas nas instituições educacionais, sinônimo de eficiência na aprendizagem. Com o decorrer cronológico, esse pensamento ainda é cultivado em várias instituições de ensino, não somente da educação básica, mas em escolas de línguas, danças e outras.

É necessário considerar que crianças e adolescentes se comunicam principalmente por meio do movimento. Ao serem privados em seu modo de agir sentem-se reprimidos e podem se reduzir ao silêncio. É possível afirmar que crianças e adolescentes, nesses momentos, são induzidos a

experimentarem a anorexia da ação comunicativa, que pode ser explicada como ações que rompem os processos de comunicação e desestabilizam a ação comunicativa, fragilizando a ação comunicativa por longos períodos de tempo. (GREINER, 2005, p. 82) De acordo com autora, essa interrupção do fluxo de informação, a partir de uma violência radical, provocará uma falta de apetite para o conhecimento.

Nesse caso, é visível que essas crianças e adolescentes estão incluídos no espaço escolar, no entanto, não há uma relação de pertencimento. Greiner (2010, p. 36) aponta que para Badiou “o pertencimento está ligado à apresentação e a inclusão vincula-se a representação”. Essa situação pode ser explicitada como uma inclusão exclusiva, como aponta Agamben (2008), ou seja, crianças e adolescentes são incluídos nas instituições de ensino, mas para permanecerem nesse espaço necessitam abortar seus hábitos, comportamentos, gestos, e outros. “onde um fato é incluído na ordem jurídica através de sua exclusão e a transgressão parece preceder e determinar o caso lícito”. (AGAMBEN, 2008, p. 33)

É necessário refletir que crianças e adolescentes são inseridos nas instituições de ensino com o objetivo de serem educadas e se desenvolverem, e nesse mesmo local são privadas do movimento criativo e espontâneo. Para Laban, nos dizeres de Thornton (1971), é através do movimento das pessoas e dos objetos que se aprimora e se amplia o conhecimento de mundo, porque os nossos próprios movimentos e os movimentos que percebemos ao nosso redor são experiências básicas. Ao perceber o movimento dos outros, novos movimentos podem ser disparados e despertar um grande número de atividades intelectuais, físicas, emocionais, perceptivas, dentre outras. A tentativa de privar o movimento de crianças e adolescentes pode ser considerada uma omissão em uma fase significativa do desenvolvimento humano.

Thornton (1971) afirma que Laban acreditava no caminho da educação pelas artes, principalmente na arte da dança que envolve as habilidades físicas, emocionais e intelectuais. Esse autor aponta ainda que Laban sustentou que “todos os nossos sentidos são variações do nosso sentido único de contato”. (LABAN apud THORNTON, 1971, p. 24, tradução nossa)⁷ Ou seja, o sentido cinestésico e, é a partir do movimento e suas relações, que se desencadeiam a atividade intelectual. Rengel (2006) esclarece que, a noção de que corpo e mente fazem parte de uma mesma realidade é a base da Arte do Movimento de Laban.

7 “All our senses are variations of four unique sense of touch”.

Considerações

É possível afirmar que essa omissão, na qual o dispositivo é o movimento, de acordo com os autores citados, despontencializa o sujeito e inibe sua autonomia; fragiliza a ação comunicativa; asfixia ou domestica a linguagem, estigmatiza o rebelde, controla a imaginação e a criação, impossibilita a ação. Nesse conjunto de apontamentos, há de se refletir e ainda questionar: será que devido a esses fatores a elaboração de pensamento poderá se inibir e inúmeras dificuldades de aprendizagem surgir?

Referências

- AGAMBEM, Giorgio. *O estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AGAMBEM, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- DELL, Cecily. *A primer for movement description*. New York: Dance Notation Bureau, Inc. Center for Movement Research and Analysis, 1970.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos & escritos III – estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos & escritos VII – arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 29. ed. Petrópolis. Vozes, 1987.
- GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo. Annablume, 2005.
- GREINER, Christine. *O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações*. São Paulo: Annablume, 2010.
- GREINER, Christine; KATZ, Helena. *Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo*. São Paulo: Annablume, 2005.
- KATZ, Helena. *Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo*. Belo Horizonte: FID editorial, 2005.
- LABAN, Rudolf. *Choreutics*. London W.C.: Macdonald and Evans, 1966.
- LABAN, Rudolf. *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.
- LABAN, Rudolf. *O domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.
- LABAN, Rudolf. *A vision of dynamic space*. Thame, Oxon: Imago, 1984

LAUNAY, Isabelle. Laban, ou a experiência da dança. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia (Org.). *Lições de dança 1*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006.

PRESTON-DUNLOP, Valerie. *Rudolf Laban: an extraordinary life*. Alton, Hampshire: Dance Books, 2008.

RENGEL, Lenira. *Dicionário Laban*. São Paulo: Annablume, 2003.

RENGEL, Lenira. Fundamentos para Análise do Corpo Expressivo. In: MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo (Org.). *Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento*. São Paulo: Summus, 2006.

THORNTON, S. *Laban's theory of movement: a new perspective*. London: Boston: Macdonald and Evans e Plays, 1971.